

A LITERATURA REGIONALISTA E O CANGAÇO EM OS DESVALIDOS

BRITO, Raquel Silva
kelzinharsb@hotmail.com

FREITAS, Rosileide Reinado
rosefreitas84@yahoo.com.br

SANTA RITA, Dayana Ribeiro de
dayanalettras@bol.com.br

NUNES, Antonia Maria
nianunes@yahoo.com.br

Mestre em Comunicação e Semiótica: Literatura pela PUC/SP e professora do Curso de Letras da UNIT/SE.

RESUMO

Francisco Dantas, escritor sergipano, apresenta em seu romance, Os desvalidos, uma análise da cultura do cangaço nordestino. Nesta obra, o autor retoma a tradição do romance regional do Nordeste e faz uma leitura contemporânea da literatura realista, testemunhando o mundo cotidiano, através dos hábitos e tradições populares desta região e, principalmente, evidenciando os problemas humanos sócias mais comuns. Com uma estrutura moderna, com a quebra da linearidade do enredo e um trabalho apurado com a linguagem, esta obra apresenta características do romance contemporâneo. Dantas retrata a vida no sertão de Sergipe ao final dos anos 30 a partir da ótica dos desamparados pelo destino. Suas personagens caminham rumo à desumanização, retratadas num ambiente inóspito como o sertão nordestino. Desvalidos são todos aqueles que, jogado à própria sorte, são abandonados pelo poder público e banidos pela sociedade. Assim, este artigo, em

síntese, objetiva analisar o regionalismo e a representação do cangaço, que é feita por Francisco Dantas de forma tão realista.

PALAVRAS-CHAVE: Francisco Dantas, realismo, regionalismo e cangaço.

1 INTRODUÇÃO

O acervo literário sergipano possui um campo vasto sobre as obras regionalistas e que retrata de forma plena o cangaço. Por assim dizer, é que Francisco Dantas vai inserir-se nesse contexto, sendo considerado, pela crítica especializada, uma das grandes novidades em termos de literatura, não só sergipana ou nordestina, mas nacional.

Não se pode pensar em literatura sergipana de forma isolada, como se fosse uma realidade à parte, sem fazer uma contextualização, inserindo-a num panorama nacional e levando em conta o complexo sócio-cultural que a envolve e a influencia, mesmo com as suas particularidades.

Desse modo, cada época influencia, sobremaneira, a produção artística de vários escritores, a exemplo, a consolidação do romance regionalista brasileiro, que sofreu forte influência da situação em que vivia o país. No início do século XIX, o nordeste brasileiro estava marcado pela fome, miséria, falta de terra e as injustiças que faziam muitos pobres sertanejos se revoltarem e partirem para o cangaço, tentando fazer justiça com as próprias mãos. Os cangaceiros faziam vingança contra os poderosos, atacavam fazendas e cidades para conseguir dinheiro, alimento e armas. Em suma esse era o contexto em grandes obras, chamadas regionalistas, que foram produzidas no Nordeste do Brasil.

Foi a partir deste cenário, que vários escritores brasileiros começaram a escrever obras mais realistas do contexto social. Os personagens criados, em suas histórias, permitem estabelecer relações críticas entre o texto e a realidade histórica em que sociedade estava inserida: isto é, embora os personagens fossem seres

ficcionalis, individuais, passaram a representar comportamentos e a ter reações típicas de uma determinada realidade.

Baseando-se nestes aspectos, objetiva-se, com esse artigo, identificar as principais contribuições de Francisco Dantas para a literatura nordestina historiando os principais aspectos da literatura brasileira, especialmente, o Regionalismo e Cangaço, através da obra “*Os Desvalidos*”.

Com “*Os Desvalidos*”, Francisco Dantas retoma a tradição do romance regional do Nordeste. Optou por uma literatura realista, pretendendo testemunhar o mundo cotidiano, discutir hábitos e tradições populares da região nordestina e, principalmente, falar dos problemas humanos sociais mais agudos.

Como diz Alfredo Bosi (1996, p.36), “Francisco Dantas esculpiu a figura da dignidade do sertanejo nordestino”. O romance escrito com os termos próprios da região do Nordeste vai se desenvolvendo com cenas fortes, mostrando a vida trágica e miserável da região.

O trabalho apurado com a linguagem, o uso do discurso indireto livre, há linearidade do enredo e a capacidade de entrar na psicologia do rústico são alguns dos recursos utilizados pelo autor num trabalho de renovação literária e de construção de seu estilo.

A relevância desse trabalho no acréscimo de mais um estudo sobre as obras literárias sergipanas, como também pela possibilidade de ampliar os conhecimentos sobre a Literatura regionalista e o cangaço, o que vai contribuir de forma ímpar para o aprofundamento intelectual na pesquisa historiográfica e literária.

2 O REGIONALISMO, O CANGAÇO E SUAS INFLUÊNCIAS

Francisco Dantas, em sua obra, “Os Desvalidos”, abre espaços para os múltiplos percursos no entendimento do ser humano, utilizando-a como instrumento para conhecer as questões sociais do homem. A obra retoma a tradição do romance regional do Nordeste brasileiro. O autor optou por uma literatura realista, pretendendo testemunhar o mundo cotidiano, informar sobre hábitos e tradições populares da região nordestina, e, principalmente, falar dos problemas humanos sociais mais agudos.

O Realismo foi inaugurado no Brasil, em 1881, ano fértil para a literatura brasileira, com a publicação de dois romances fundamentais, que modificaram o curso das letras: Aluísio Azevedo publica *O mulato*, o primeiro romance naturalista do Brasil; Machado de Assis publica *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o primeiro romance realista da literatura brasileira.

Segundo Silva (2006, p.115), o Realismo surgiu na Europa na segunda metade do século XIX, influenciado pelas importantes transformações econômicas, políticas, sociais e científicas da época. Vivia-se a segunda fase da Revolução Industrial, período marcado pelo clima de euforia e progresso material que a burguesia industrial experimentava. Apesar disso, a condição social do proletariado era cada vez pior e começava a organizar-se, motivados pelas idéias do socialismo utópico de Proudhon e Robert Owen e do socialismo científico de Karl Marx e Friedrich Engels.

Com toda esta revolução intelectual, surge a necessidade de uma literatura que refletisse todo este avanço da razão - ao contrário do que fazia o Romantismo ao valorizar os sentimentos. Aparece então o Realismo, que combate

toda forma romântica e idealizada de ver a realidade. Tem como objetivo à crítica à sociedade burguesa e suas instituições e a preocupação de embasar-se nas novas descobertas científicas.

No Brasil, o marco inicial é a publicação de Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis. O estilo se desenvolve no momento em que se discutia a Monarquia e a República, a escravidão e sua abolição. Como os autores portugueses, os brasileiros dedicam-se à crítica e ao estudo da sociedade e dos valores burgueses. No Brasil, entretanto, a corrente Naturalista ganha mais espaço e importância, com destaque para Aluísio Azevedo, Júlio Ribeiro, Adolfo Caminha, Domingos Olímpio, Inglês de Sousa e Manuel de Oliveira Paiva. A principal influência portuguesa para estes escritores foi Eça de Queiroz.

De acordo com Silva (2006, p.159), os escritores realistas consideram possível representar artisticamente os problemas concretos de seu tempo, sem preconceito ou convenção. Eles focalizavam o cotidiano, desprezado pelas correntes estéticas anteriores. Por isso, os personagens de romances realistas estão muito próximos das pessoas comuns, com seus problemas do dia-a-dia, com suas vidas medianas, cujas atitudes devem ter sempre explicações lógicas ou científicas. A linguagem é outra preocupação importante: ela deve se aproximar do texto informativo, ser simples, utilizando-se de imagens denotativas, e as construções sintáticas devem obedecer à ordem direta.

No que diz respeito à preferência pela narração, pode-se dizer que ao contrário dos românticos, os escritores privilegiaram a descrição, dando ênfase à narração do fato: o que acontece e por que acontece são as preocupações desses escritores.

Portanto, o Realismo determina uma mudança radical na literatura da época com a renovação dos valores idealistas. Os autores eram observadores da realidade e retratavam-na fielmente, porque este período fora inspirado nas leis naturais, e tende a revelar a vida em sua verdade.

Um autor realista e regionalista é Francisco Dantas, natural da cidade de Riachão do Dantas, no Estado de Sergipe, de origem rural. Nasceu no engenho do avô e só entrou na Universidade aos 30 anos, quando já era casado e pai de uma menina. Foi diretor de escola, fotógrafo e tabelião, ao mesmo passo que também foi fazendeiro, menino de bagaceira, cavaleiro de pastos solidários e caçador de alguns viventes noturnos e diurnos. Sempre conviveu com bichos e livros, o que talvez tenha dado subsídio para as temáticas presentes em suas obras.

Para Dantas, uma literatura regionalista não restringe geograficamente os leitores, e isso é verificado ao analisar as construções das suas obras, onde o pano de fundo e a ambientação dos personagens se passam em sua terra natal, mas os problemas que envolvem tais personagens são problemas que atingem as pessoas de qualquer parte do mundo.

Na obra “*Os Desvalidos*” Francisco Dantas chega a ultrapassar as barreiras estereotipadas de uma regionalização que o condene a falar unicamente aos seus pares e conterrâneos. O alcance de sua criação reveste-se de algo mítico, além-regional, universal, que ultrapassa as barreiras do sertão e faz sentir a realidade. Por isso, pode-se falar de uma arte realista e regionalista.

O romance escrito com os termos próprios da região do Nordeste vai se desenvolvendo com cenas fortes mostrando a vida trágica e miserável da região, em 1930, retratando a vida no sertão sergipano, a partir da ótica dos desamparados pelo destino. Suas personagens caminham rumo à destruição e à dura realidade,

retratadas, em um texto de profunda contundência, acentuada pela linguagem inusitada e envolvente.

Salienta-se que o regionalismo que se desenvolve a partir da década de 1930, difere fundamentalmente, do sertanismo com a escola romântica se ornamentara. (SODRÈ, 1995, p. 69).

Completa o autor citado, o regionalismo contemporâneo existe a precariedade própria do tempo, deformações e fraquezas, se aproximando do que se pretende retratar. Entende o indivíduo através do meio apenas como síntese do meio a que pertence na medida em que se desintegra da humanidade; visando a preferência por grupo, busca nas personagens o que mais as liga ao seu ambiente, isolando-as de todas as criaturas estanhas a elas.

A obra retrata aspectos da história do Cangaço brasileiro, especialmente, o cangaço Sergipano. O cangaço surgiu no nordeste brasileiro, entre o final do século XIX e começo do XX, formado por grupos de homens armados conhecidos como cangaceiros. Estes grupos apareceram em função, principalmente, das péssimas condições sociais da região nordestina. O latifúndio, que concentrava terra e renda nas mãos dos fazendeiros, deixava as margens da sociedade à maioria da população.

De acordo com o Dicionário do folclore brasileiro (Cascudo, s.d., p. 68), Cangaço é a reunião de objetos menores e confusos, utensílios das famílias humildes, mobília de pobre e de escravos. Cangaço, pois, é o conjunto de troços, tarecos, burundangas, cacarecos, cangaçada, cangaçaria.

Outra definição que Cascudo (Id, ibid.) dá para o termo cangaço é "conjunto de armas que costuma conduzir os valentões". É, portanto, o preparo, carregado, aviamento, parafernália do cangaceiro, inseparável e característica; armas,

munições, bornais, bisaco com suprimentos, balas, alimentos secos, mezinhas tradicionais, uma muda de roupa, entre outros.

O cangaço surgiu no o nordeste semi-árido, cuja principal característica natural é a existência de períodos secos, que desestruturam a economia local, onde a concentração de terras nas mãos de poucos ainda hoje se mantém rigidamente inflexível.

Conforme Albuquerque Jr. (1999, p. 74) Não encontrando soluções para sobrevivência, ao homem nordestino restava a pouca espera, crescia a apatia de sentimentos ao observar a miséria à sua volta. Muitos levados ao desespero tendiam a enveredar pelos caminhos da violência para escapar da realidade em que o latifundiário - o patrão - lhe tirara todo o suor, restando apenas revolta e por motivos inconscientes tornando-se muitas vezes um cangaceiro.

A dificuldade em entender esse fenômeno Cangaço, muitas vezes terminou por impor uma explicação preconceituosa, atribuindo a uma pretensa propensão errônea do nordestino à violência, como afirma Albuquerque Jr. (1999, p.61), ao discutir os equívocos dos intelectuais do sul (e mesmo do norte) do país em suas interpretações do Nordeste.

Ainda segundo Albuquerque Jr. (1999, p.61),

O cangaço só vem reforçar a imagem do nortista como homem violento e do Norte como uma terra sem lei, submetido ao terror dos "bandidos e facínoras", além da violência de suas "oligarquias". A descrição das façanhas dos bandidos, colhida principalmente entre amedrontadas populações urbanas daquela área, possui quase sempre a mesma estrutura.

Uma das causas do Cangaço foi à manutenção da propriedade privada. Pois, era preciso os exércitos particulares dos senhores de engenho, ou dos

grandes donos de sesmarias do século XVIII até 1930, grupos de bandoleiros garantissem a posse de terra. Assim,

A terra no Nordeste só recentemente começa a ser cercada, antes, ela não era. As divisas eram mais ou menos vagas. O que marcava bem a divisa da terra era o poder de violência do senhor; de ele dizer: “Essa terra é minha, aqui ninguém passa, nessa terra é o meu gado que vive”. (CHIAVENATTO, s/r).

Para o citado autor, o Cangaço tornou-se um sintoma da luta de classe que se processava no Nordeste. Só que o cangaceiro não tinha consciência social e o Cangaço acabava sendo simplesmente uma reação à miséria que não se resolvia de forma racional; se resolvia pela violência.

Chiavenatto ainda acrescenta que o Cangaço acabava sendo um excelente meio de sobrevivência para o nordestino. Só que esse nordestino que entrava para o Cangaço, não tinha consciência social, ele não adquiria consciência política do papel que ele poderia desempenhar no Cangaço. Então, acaba exercendo a violência, e dessa maneira, acaba servindo ao dono de terra. E essa é a história de todos os grupos de cangaceiros, desde os mais antigos até aqueles últimos mais recentes – passando por Antônio Silvino, Corisco, Lampião, dentre outros.

Alguns historiadores enfatizam que o Cangaço representou um sistema de luta de classes que se processou no Nordeste. O cangaceiro não tinha consciência, ele não buscava posse de terra e a justiça social, lutava simplesmente pela sua sobrevivência e o Cangaço passou a ser um meio de vida.

O historiador Eric Hobsbawm (apud ALBUQUERQUE Jr, 1999, p.223) chamou o cangaço de banditismo social. Eram homens pobres e destemidos que atacavam armazéns e fazendas, distribuindo comida para o povo, sendo por um outro lado, extremamente cruel com seus inimigos, não hesitando em torturar,

estuprar e executar. A população pobre que colaborava com os cangaceiros era protegida e tratada com generosidade.

Desse modo, o cangaço se constituía como uma saída em um contexto de miséria profunda e atrocidades. Por isso, novos nomes iam fazendo crescer o fenômeno, dentre os quais o temido da época foi o comandado por Lampião (Virgulino Ferreira da Silva) que se tornou a figura mais conhecida do fenômeno do Cangaço, em parte devido as suas proezas contra a polícia e poderosos locais, a despeito de ter seguidamente estabelecido diversas alianças com esses. Tornaram-se míticas as estratégias que seu bando utilizou durante o período de duração do seu domínio no sertão.

No sertão do Nordeste, de Sergipe ao Ceará, os anos de 1925 a 1938 marcam o apogeu do Cangaço, dos bandos armados organizados que não conheciam outra lei senão a de seus próprios chefes. É o tempo das lutas entre cangaceiros e macacos (policiais). Roubo de terras, assassinatos, abuso de poder.

No sertão, o coronel era quem decidia sobre homens e coisas. É chefe, juiz, delegado. Suas vontades são sentenças. Sem perigo de sanções, usam a violência para aumentar seu domínio. Seu instrumento é o jagunço, protegido e protetor. Nesse contexto, o Cangaço se constituía em grupos de homens e mulheres que viviam armados percorrendo o sertão do Nordeste, lutando contra a polícia.

A fome, a miséria, a falta de terra e as injustiças faziam muitos pobres sertanejos se revoltarem e partirem para o cangaço, tentando fazer justiça com as próprias mãos. Andavam a pé ou a cavalo, armados de rifles, revólveres e punhais. Estes faziam vingança contra os poderosos, atacavam fazendas e cidades para conseguir dinheiro, alimento e armas.

A partir de abril de 1928, Lampião "o Rei do Cangaço" e seu grupo começaram a agir em Sergipe, principalmente nos municípios do sertão e do agreste: Porto da Folha, Poço Redondo, Monte Alegre, Canindé, Gararu, Carira, Frei Paulo, Dores, Pinhão, Aquidabã e Capela. Os grupos de cangaceiros entravam nas cidades sertanejas e faziam a "cata", ou seja, saíam pedindo dinheiro a comerciantes, fazendeiros e até mesmo aos prefeitos. Com o dinheiro arrecadado compravam roupas, alimentos, armas e munição.

Dessa forma, segundo Chiavenatto (s/r):

O cangaceiro assume todos os valores da sociedade que o esmaga, ele é marginal, que é marginalizado; ele é perseguido pela polícia, pelo exército. Acaba assumindo os valores dessa mesma sociedade que o persegue. Ele usa a lei do mais forte e faz da força o seu meio de sobrevivência. Acaba se adaptando, dessa maneira, a um código de sobrevivência, a um código de conduta que quase sempre é idealizado pelos intelectuais. E o cangaceiro, de bandido e alienado, de produto do coronelismo, acaba sendo interpretado como um herói social.

Em julho de 1938, uma volante com 45 homens da Polícia alagoana conseguiu surpreender o bando de Lampião na gruta do Angico (Porto da Folha, atualmente no município de Poço Redondo), próxima ao rio São Francisco. No combate, foram mortos o próprio Lampião, sua mulher Maria Bonita e mais onze cangaceiros, provocando assim o fim do cangaço.

A obra "Os Desvalidos" retrata os aspectos do cangaço, mostrando com realismo e regionalismo, este momento histórico do Brasil, em que são abordados inúmeros problemas de um nordeste decadente, desde o pólo econômico, social e político.

O sertão nesta obra não é apenas um espaço geográfico, mas sim simboliza o espaço social, onde homens lutam para vencer suas dificuldades. Por isso, a obra representa uma linha regionalista, uma vez que traz a reflexão dos problemas sociais marcantes do momento histórico retratado, destinado a provocar

a conscientização, o romance regionalista tem como função, criticar para denunciar uma questão social, contribuindo assim, para a solução. (BOSI, 1996, p.87).

Outro aspecto do romance “*Os Desvalidos*” é sua capacidade de transpor os limites do espaço regional, em que quase sempre se situam seus textos, e alcançar uma dimensão universal.

O sertão descrito nesta obra é um mundo social, por isso vai envolvendo o leitor como se ele fosse sertanejo e jagunço e fizessem parte daquele mundo. Passa, assim, a lidar com os mais variados temas que preocupam o homem sertanejo: o bem e o mal, Deus e o diabo, o amor, a violência, morte, a traição, o sentido e o aprendizado da vida.

Essas reflexões não são exclusivas do sertão nordestino, são também do povo em geral, do homem urbano, do homem do campo, do norte e do sul do país, e até mesmo fora dele. Na verdade, em “*Os Desvalidos*”, Francisco Dantas consegue captar as inquietações, os conflitos e anseios, sem, contudo, perder a linguagem e os valores do homem sertanejo.

Quanto ao cangaço, a violência e a vida em bando dos cangaceiros fazem parte do enredo do romance. Todavia, esses homens não são cangaceiros e, sim, jagunços. Segundo Antonio Candido (apud MAGALHÃES, 2002, p.32), o nome de jagunço pode ser dado tanto ao violentão assalariado e ao camarada em armas, quanto ao próprio mandante; o jaguncismo pode ser uma forma de estabelecer e fazer observar normas, o que torna o jagunço um tipo especial de homem violento e, por um lado, o afasta do bandido. De acordo com esse conceito, o cangaceiro seria o tipo bandido que vive à margem da sociedade, procurado pela polícia e causando pânico à população.

“Os Desvalidos” recupera o mundo rústico do sertão, que existia e ainda existe no Brasil, mas transfigurado. O sertão e seus jagunços são, na verdade, a projeção simbólica da vida do homem em geral. E a linguagem, mesmo sendo baseada em aspectos da fala sertaneja, mistura termos eruditos, outras línguas e neologismo.

Os aspectos que chamam atenção em “Os Desvalidos” são questões sociais, contextos históricos e regionais que abordam as relações dos personagens às situações por eles vividas há várias décadas. O enredo leva o leitor a se envolver por uma atmosfera regional do passado, que Francisco Dantas descreve com minúcia realista.

Essas características são do regionalismo contemporâneo brasileiro que surgiu a partir da década de 1930. Segundo Pelegrini e Ferreira (2004, p.113), a partir desta época, o romance brasileiro adquiriu nova consciência de sua função e natureza. Nesse período, foi muito importante o “romance do Nordeste”, que conferiu ao regionalismo uma visão crítica. Cresceu também, no período, o romance urbano, de linha intimista, explorando as tensões próprias dos moradores das grandes cidades.

Os autores que mais se destacaram neste período foram Guimarães Rosa e Clarice Lispector, publicando suas primeiras obras por volta de 1945. O grande impacto de suas obras transformou-se um divisor de águas da ficção, é que, neles, a elaboração do texto torna-se o elemento central. Ou seja, o texto não se esgota mais por se referir aos aspectos da realidade, mas porque cria, através da linguagem, um mundo literário próprio: a nova concepção de romance regionalista contemporâneo.

Assim, o regionalismo além de ter de deslocar a imaginação e a compreensão no tempo, leva o leitor a conhecer expressões restritas ao local em que se desenrola a história do romance.

Portanto, num período contemporâneo da história brasileira marcado por conquistas tecnológicas, que encetam uma literatura mais urbana, a obra regionalista nordestina é uma espécie de lugar à margem da civilização, uma vereda mítica, onde a economia agrária aos poucos desaparece, mas em que está presente ainda uma rica cultura popular. Nesse espaço marginal avultam a paisagem, o gado, cavalos e cavaleiros, crianças, cantadores, tomados como seres que transitam entre magia e realidade. Superando o exotismo, o regionalismo contemporâneo ultrapassa a particularidade do típico, para atingir a universalidade do ser humano. (PELLEGRINI; FERREIRA, 2002, p.221).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que por meio da obra “Os Desvalidos”, que Francisco Dantas trouxe uma nova perspectiva de enxergar a vida e a realidade das pessoas em geral, através de uma análise realista e regionalista.

No qual o regionalismo se dá pela integração do homem ao seu meio, seus costumes, suas crenças e tradições e aspirações sociais. O romance regionalista é uma narrativa voltada para análise social, criticando a sociedade a partir do comportamento de determinados personagens.

Através da análise de Francisco Dantas, tem-se de fato uma idéia consistente da importância desta estética literária para a consolidação da literatura sergipana e, por conseguinte, nacional.

O autor contribui de forma direta para que a literatura nordestina possa assumir uma posição nacional privilegiada. Para tanto, uni na justa medida os espaços de local e universal, ao falar, de fato, do ser humano, ajudando a derrubar a posição marginal da literatura regional nordestina.

Certamente que esta obra enriqueceu o universo literário sergipano, pois este escritor conseguiu vencer as barreiras restritivas das grandes editoras do centro-sul do país, e apresenta uma obra de qualidade que só vem somar na literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**. Recife/ PE: Massangana/São Paulo/SP: Cortez, 1999.

BOSSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9. ed. Rio de Janeiro/RJ: Ediouro, s.d.

CHIAVENATTO, Júlio José. **Cangaço** - Lutas Populares no Brasil. (s/r).

DANTAS, Francisco. **Os desvalidos**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Língua Portuguesa: linguagens**. São Paulo: Atual, 2002.

PELLEGRINI; Tânia, FERREIRA, Marina. **Palavra e arte**. São Paulo: Atual, 2002.

SANTOS, Sebastião Lourenço dos. **Os desvalidos**. Disponível em<<http://www.members.tripod.com/fathch.linguagem.htm>>. Acesso de nov. de 2006.

SILVA, Carlos Valle da. **Literatura brasileira**. São Paulo, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1995.